

Maurice Blanchot

Thomas o Obscuro

Traduzido do francês (França) por
Manuel de Freitas



Existe, para cada obra, uma infinidade de variantes possíveis. Às páginas intituladas Thomas o Obscuro, escritas a partir de 1932, enviadas ao editor em Maio de 1940, publicadas em 1941, a presente versão nada acrescenta, mas, como ela lhe tira muito, pode ser considerada outra e mesmo completamente nova, mas também muito parecida, se, entre a figura e aquilo que dela é ou julgamos ser o centro, tivermos razão em não distinguir, cada vez que a figura completa apenas exprime ela própria a busca de um centro imaginário.

I

Thomas sentou-se e olhou o mar. Durante algum tempo permaneceu imóvel, como se tivesse ido ali para seguir os movimentos dos outros nadadores e, embora a bruma o impedisse de ver muito longe, ele manteve, com obstinação, os olhos fixados naqueles corpos que flutuavam com dificuldade. Depois, tendo sido tocado por uma onda mais forte, desceu por sua vez ao declive de areia e deslizou para o meio dos redemoinhos que logo o submergiram. O mar estava tranquilo e Thomas tinha o hábito de nadar durante muito tempo sem se cansar. Mas hoje tinha escolhido um itinerário novo. A bruma escondia a margem. Uma nuvem descera sobre o mar e a superfície perdia-se num clarão que parecia a única coisa verdadeiramente real. Redemoinhos sacudiam-no, sem todavia lhe darem o sentimento de estar no meio das ondas e de se revolver entre elementos que já conhecia. A certeza de que a água faltava impunha até ao seu esforço para nadar o carácter de um exercício frívolo do qual apenas extraía desencorajamento. Talvez lhe tivesse bastado controlar-se para expulsar semelhantes pensamentos, mas, como os seus

olhares não se podiam agarrar a nada, parecia-lhe estar a contemplar o vazio na intenção de encontrar nele algum apoio. Foi então que o mar, agitado pelo vento, se enfureceu. A tempestade perturbava-o, dispersava-o em regiões inacessíveis, as rajadas atordoavam o céu e, ao mesmo tempo, havia um silêncio e uma calma que deixavam pensar que já tudo tinha sido destruído. Thomas tentou libertar-se da onda insípida que o invadia. Um frio muito intenso paralisava-lhe os braços. A água girava em turbilhões. Seria realmente água? Ora a espuma ondulava diante dos seus olhos como flocos esbranquiçados, ora a ausência da água se apossava do seu corpo e o arrastava violentamente. Respirou mais lentamente, durante uns instantes conservou na boca o líquido que as rajadas lhe atiravam contra a cabeça: doçura morna, beberagem estranha de um homem desprovido de gosto. Depois, fosse por causa da fadiga, fosse por uma razão desconhecida, os seus membros deram-lhe a mesma sensação de estranheza que a água em que se revolviam. Esta sensação pareceu-lhe de início quase agradável. Perseguiu, ao nadar, uma espécie de devaneio no qual ele se confundia com o mar. A embriaguez de sair de si, de deslizar para o vazio, de se dispersar no pensamento da água, fazia-o esquecer qualquer inquietação. E mesmo quando esse mar ideal de que se tornava cada vez mais íntimo se tornou por sua vez o verdadeiro mar onde estava como que afogado, não se emocionou tanto quanto deveria: havia

sem dúvida algo de insuportável em nadar assim ao acaso com um corpo que lhe servia unicamente para pensar que nadava, mas ele sentia também um alívio, como se tivesse finalmente descoberto a chave da situação e tudo para ele se limitasse a continuar com uma ausência de organismo numa ausência de mar a sua viagem interminável. A ilusão não durou muito. Teve de vaguear de uma margem à outra, como um barco à deriva, na água que lhe dava um corpo para nadar. Qual a saída? Lutar para não ser arrastado pela onda que era o seu braço? Ser submergido? Afogar-se amargamente em si? Era decerto o momento de parar, mas restava-lhe uma esperança, nadava ainda como se no seio da sua intimidade restaurada tivesse descoberto uma possibilidade nova. Ele nadava, monstro desprovido de barbatanas. Debaixo do microscópio gigante, fazia de si um amontoado audacioso de pestanas e de vibrações. A tentação adquiriu um carácter completamente insólito, quando da gota de água ele procurou deslizar para uma região vaga e contudo infinitamente precisa, algo como um lugar sagrado, tão apropriado para ele que bastava-lhe estar lá, para ser; dir-se-ia um côncavo imaginário onde ele se enterrava porque, antes que lá chegasse, já o seu rasto lá estava marcado. Fez então um último esforço para se ajustar totalmente. Isso foi fácil, não encontrava qualquer obstáculo, regressava a si, confundia-se consigo ao instalar-se naquele local onde nenhum outro podia penetrar.

Por fim, teve de regressar. Encontrou facilmente o caminho de regresso e voltou a ter pé num local que alguns nadadores utilizavam para mergulhar. A fadiga desaparecera. Nos ouvidos conservava uma impressão de zumbido e de queimadura nos olhos, como seria de esperar após uma permanência demasiada longa na água salgada. Deu-se conta disso quando, ao virar-se para a toalha sem fim na qual se reflectia o sol, tentava reconhecer em que direcção se afastara. Tinha então uma verdadeira névoa diante da vista e distinguia algo naquele vazio turvo que os seus olhos penetravam febrilmente. À força de espiar, descobriu um homem que nadava muito longe, meio perdido no horizonte. A semelhante distância, o nadador estava constantemente a fugir-lhe. Via-o, deixava de o ver e porém tinha o sentimento de acompanhar todos os seus movimentos: não apenas de o distinguir sempre muito bem, mas de estar próximo dele de uma maneira extremamente íntima e como não o poderia ter estado antes por qualquer outro contacto. Ficou durante muito tempo a olhar e a esperar. Havia naquela contemplação algo de doloroso que era como que a manifestação de uma liberdade demasiado grande, de uma liberdade obtida pela ruptura de todos os laços. O seu rosto perturbou-se e adquiriu uma expressão inusitada.